

AE NEWS

18/06/2020 13:48

Notícias: 1

17/06/2020 10:44:44 - AE NEWS

A+ A-

FG/A: MERCADO DOMÉSTICO PARECE 'DESCONECTADO' DA COVID-19 NO BRASIL E PODE TER MAIS CORREÇÕES

Por Maria Regina Silva

São Paulo, 17/06/2020 - Indícios de que algumas cidades brasileiras se vejam obrigadas a estender ou mesmo retomar o processo de isolamento social - ainda que parcial -, enquanto o número de casos e de mortes pela pandemia do novo coronavírus segue elevado, devem alongar o início de recuperação econômica. Neste cenário, os ativos brasileiros podem passar por correções maiores do que as verificadas recentemente, como mostra estudo da FG/A (Finanças Corporativas & Gestão Estratégica).

O ponto da discussão da equipe da FG/A é mostrar o quanto a Bolsa brasileira, o câmbio e até o S&P 500 estão desconectados dos dados reais da covid-19, afirma Luis Gustavo Torrano Correa, sócio da empresa. "O mercado não leu e não está lendo com aderência [a realidade da covid-19]. Não está refletindo com antecedência a situação da pandemia", observa.

Conforme o estudo, se, de fato, os agentes e investidores fizerem uma leitura acurada do quadro da pandemia aqui, devem perceber que a situação tende a se prolongar, o que ainda não estaria sendo considerado pelos mercados. "Devemos ter números ruins de emprego, da indústria por um tempo maior do que devemos observar na Europa, e isso não está precificado", cita.

"O Brasil começou a fazer a lição de casa [isolamento] cedo, mas poderia ter passado com nota dez com louvor. Porém, repetiu de ano. Não estamos vendo recuperação. Isso nos faz chegar à conclusão de que talvez tenhamos de estender o processo de mobilidade reduzida", acrescenta.

Com base em dados diários de mobilidade, o levantamento mostra que no Brasil há uma "ilusão" de que está na direção de controle da pandemia. Segundo Correa, havia uma discussão em alguns locais, inclusive aqui, de que era preciso achatar a curva da doença para que o número de infectados coubesse no sistema de saúde.

"Assim que as medidas foram tomadas no Brasil, descobrimos que o que funcionava era quebrar a curva", diz, explicando que o ideal é estabelecer um isolamento firme para, primeiramente, preparar o sistema de saúde e, depois, permitir uma queda vertiginosa das pessoas infectadas, que possibilite passar para uma nova fase, de reabertura gradual, com controle e rastreamento dos novos casos por meio da testagem de todas as pessoas que mantiveram contato com o doente.

Correa completa que o problema de adotar a medida de achatamento é se deparar com elevada probabilidade de a situação sair do controle e o vírus tomar a curva da exponencialidade. "Assim que o vírus se aproximou do controle no País [com taxa de reprodução de um vírus (RT) - que indica se a doença está desacelerando ou acelerando - se aproximando de 1], houve aumento da mobilidade", diz, acrescentando que são várias as razões que podem explicar a dificuldade do brasileiro em seguir a quarentena como deveria, como questões políticas, socioculturais e incapacidade econômica.

Enquanto países como a Austrália e a Espanha levaram 20 dias para reduzir o número de casos, para "quebrar a curva", no Brasil a doença ainda não está sob controle e ainda há dúvidas quanto a isso também nos EUA. Na Itália foram 33 dias entre o momento em que o RT ficou abaixo de 1 e o país retomou a mobilidade.

De acordo com o estudo, em países que levaram a sério as medidas de distanciamento social, o isolamento foi curto e suficiente para mudar de fase de forma mais rápida, dando espaço para se iniciar a etapa de controle e rastreamento, como na Austrália.

Na direção contrária a muitos países, as infecções e mortes por causa do coronavírus têm crescido no Brasil. Com o aumento de casos, Correa observa que é impossível ter testes suficientes para fazer o rastreamento e controlar a doença.

"Se o Brasil tivesse quebrado a curva logo no início e se preparado para fase de rastreamento e controle, no fim de abril estaria retomando a mobilidade. Estaria seguindo a vida convivendo com o vírus, mas fazendo o rastreamento e controlando as pessoas infectadas", avalia. Oficialmente, o primeiro caso foi registrado em 26 de fevereiro.

No Brasil, são 45.456 vítimas fatais e 928.834 diagnósticos, segundo dados do levantamento realizado por **Estadão**, G1, O Globo, Extra, Folha e UOL junto às secretarias estaduais de Saúde. O levantamento do Ministério da Saúde indica números menores. O País fica atrás apenas dos EUA, que têm 2.179 casos confirmados e mais de 118 mil mortes.

Mesmo em meio a sinais incipientes de redução nos casos da doença no País, algumas capitais reabriram, mas já tiveram de voltar a exigir o fechamento de alguns negócios, devido ao crescimento no total de pessoas infectadas ou mesmo de mortes pela doença. "Esse abre-e-fecha acaba sendo ainda mais custoso", diz.

Contato: reginam.silva@estadao.com